

Jornalismo econômico: uma análise das notícias de economia no telejornal “Jornal Hoje” em 1985 e 2015¹

Gabriele Rodrigues Alves DA SILVA²

Maximiliano Martin VICENTI³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

RESUMO

O presente artigo pretende verificar as características no modo de transmitir as notícias de economia na televisão em duas épocas brasileiras diferentes. A pesquisa exploratória e descritiva faz um resgate histórico sobre o surgimento do jornalismo econômico no país e como se veiculam suas notícias no telejornalismo. A partir disso, por meio da análise de uma edição de 1985 e de 2015 do telejornal diário “Jornal Hoje” – que se assemelham pelo contexto político e econômico do país em crise –, procura-se identificar como o conteúdo econômico na televisão favorece apenas alguns grupos ou classes em sua forma de transmissão. Dessa forma, o artigo propõe uma reflexão sobre o alcance da informação econômica ao público televisivo em um dos jornais diários de grande influência no país.

PALAVRAS-CHAVE: economia; Jornal Hoje; jornalismo econômico; telejornalismo.

INTRODUÇÃO

A televisão inaugurou um dos formatos mais interessantes que a comunicação já presenciou em sua história. E esse formato também permitiu que o jornalismo econômico tivesse seu espaço, assim como adquiriu no jornal impresso e no rádio.

Porém, algumas características desse formato televisivo – como o tempo, o critério de noticiabilidade e o surgimento de novos assuntos como os pacotes econômicos na década de 1980 – foram determinantes para que esse segmento do jornalismo fosse adaptado de outras maneiras.

Assim, esse estudo, em um primeiro momento, apresenta a capacidade de interação que a televisão inaugurou e como sua relação com o jornalismo econômico foi estabelecida. Em seguida, comenta-se sobre o modo de transmissão das notícias de economia sob a análise de jornalistas e estudiosos como Sueli Caldas e Bernardo Kucinsky que

¹ Trabalho apresentado no II 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Estudante de graduação do 7º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unesp, e-mail: gabiih.alves@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação (Faac/Unesp), e-mail maxvicente@faac.unesp.br.

identificaram como o jornalismo econômico se comportou antes e depois do processo de redemocratização do país.

Com a contraposição entre jornalismo de serviço e jornalismo financeiro (voltado para a macroeconomia e negócios, dispensando o didatismo visto no primeiro), é possível notar como a economia passa de um assunto de interesse mais abrangente para se restringir a apenas alguns grupos e, muitas vezes, dispensar o profissional de jornalismo articulado nesse campo de conhecimento, cedendo lugar, por exemplo, a economistas e outros profissionais da área das finanças e negócios.

Apoia-se, por fim, em uma análise do telejornal, o “Jornal Hoje”, em edições de épocas distintas: uma de 15 de outubro de 1985 e outra de 15 de outubro de 2015 – ambas de períodos de crise político econômica no Brasil – para avaliar como as notícias de economia são tratadas na televisão, distantes por um período de 30 anos. E, como a postura do jornalista se arquitetura na hora de transmitir essa informação.

Cabe ainda comentar, criticamente, a roupagem dessas notícias no telejornal e refletir sobre possíveis soluções para torná-las mais acessíveis em um meio tradicional como a televisão que, mesmo se transformando constantemente na era digital, mantém-se fiel à prática de comunicar, aliando texto, imagem e fala, e não nos fornece indícios que perderá sua força com o surgimento de outros meios e plataformas.

O FORMATO TELEVISIVO

Esse meio de comunicação que surgiu após a Segunda Guerra Mundial incorpora o imediatismo do rádio e a dinamização que o cinema já carregava em sua época. Ela é capaz de traduzir o mundo para imagens que interagem com o telespectador, sem prendê-lo totalmente a realidade que sugere naquele momento.

A liberdade de trafegar pela conjuntura que melhor lhe convier (por meio da mudança de canal) dá ao telespectador a oportunidade de eleger o universo que quer visualizar enquanto se concentra em frente ao meio.

Porém, de acordo com Claudio Bojunga no texto “A construção da notícia” que integra a obra “As tramas da rede” (1991), não dá para negar que existe uma dificuldade em conciliar o formato televisivo como toda e qualquer realidade do nosso mundo. “Garanto que não é fácil explicar, nos limites estreitos de um telejornal, a lógica do *crash* financeiro de 1988 ou os meandros dos conflitos do Golfo” (BOJUNGA, 1991, p. 215).

Não é fácil, de fato, sintetizar muitas vezes a complexidade do assunto em um minuto ou dois de matéria que vai ao ar. Mas há a possibilidade de deixar a notícia, assim como em outros segmentos do jornalismo, dar o tom da cobertura como defende Sergio Vilas Boas (2006). Ele critica que uma “setorização excessiva” cria amarras dentro do próprio jornal e faz com que seja produzido um material com baixo valor noticioso ao público.

Mas a televisão carrega em sua essência aspectos como o modo indicativo e a captação e transmissão do visível imediatamente (BOJUNGA, 1991) que podem ajudar a transformar o conteúdo com clareza e atratividade ao público.

Enquanto o ouvinte do rádio tem que adivinhar rostos e paisagens, a TV nos mostra o homem descendo a Lua, o atentado ao papa, o acidente de Challenger, a mão trêmula de Sarney jurando a Constituição. (BOJUNGA, 1991, p. 214).

Apesar do ajuste as novas plataformas e a era de convergência midiática que vivemos, a TV ainda é um meio de alcance nacional denso e, de acordo com a Pesquisa de Mídia de 2014, 76,4% da população brasileira prefere a televisão. Enquanto isso, 65% da população usa a televisão todos os dias.

De 2^a a 6^a feira, por exemplo, a intensidade de uso é de 3h10 nos municípios menores (até 20 mil habitantes) e chega a 3h45 nos grandes municípios (mais de 500 mil habitantes). Nos finais de semana, as pequenas cidades aumentam a intensidade de uso para 3h26 e as grandes reduzem para 3h39, mantendo o posicionamento original, mas com uma diferença menor, de 13 minutos. (PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA, 2014, p. 20).

Ela é um meio tradicional que fidelizou seu público, formou uma equipe de jornalistas conhecidos e possui tradição na divulgação de notícias. E, é por esses aspectos que o jornalismo estreitou laços com o meio e se vestiu de suas regras na modernidade. Com o jornalismo econômico não foi diferente, contudo, a transformação de seu modo de transmissão ao longo do tempo é o que invoca os próximos passos a seguir.

A TELEVISÃO E O JORNALISMO ECONÔMICO

Foi a partir da década de 1970, época de intensa censura no Brasil, por causa do governo militar estabelecido, que as notícias sobre economia passaram a ganhar mais notoriedade. Com uma economia nas mãos dos militares e os efeitos latentes das decisões

desse grupo para o povo, surge o jornalismo especializado no segmento popular como esclarece Sueli Caldas, em seu livro “Jornalismo Econômico” (2003):

A extinta Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab) e o também extinto Conselho Interministerial de Preços (CIP), encarregados da fiscalização e reajustes de preços de alimentos e produtos industriais, tinham cobertura diária e obrigatória. Foi uma experiência positiva, que estimulou donas de casa a praticar o saudável hábito de ler jornal. (CALDAS, 2003, p.19).

Popularizou-se nessa fase da história brasileira, principalmente, o jornalismo de serviços e ele, apesar de ter se inaugurado no impresso, não demorou a invadir a televisão e conquistar os donos das grandes emissoras. Foi um sucesso apesar de, nessa época, a televisão não ter experiências muito fortes com a divulgação de assuntos sobre economia.

Os comunicadores, contudo, entenderam o espírito da veiculação: era necessário um formato inovador que usasse uma linguagem popular e leve para transmitir os assuntos. E isso foi feito, mas esbarrou em algumas dificuldades, como a criação de um programa semanal de quase duas horas sobre economia – algo que para TV foge ao padrão e formato característico.

Caldas ainda reforça o papel do jornalista Joelmir Beting na televisão como o “chacrinha da economia”. Ele dava as notícias fazendo analogias com a linguagem que utilizam os economistas.

Beting faleceu no ano de 2012, mas ressaltou no livro de Sueli Caldas que era um desafio noticiar economia na televisão por causa do tempo curto e dos conceitos complexos que deveriam ser sintetizados para qualquer segmento social, não apenas para aqueles que se interessavam e dominavam melhor o assunto (CALDAS, 2003). Ele foi responsável por transformar a discussão econômica em mesa de debate e chamar para auxiliar nessa tarefa, alguns comentaristas como é notório em mesas redondas de futebol até hoje.

A preocupação durante essas explicações era, sobretudo, com os conceitos de economia que agora precisavam ser descortinados ao público. Produto interno bruto, renda *per capita* e inflação foram alguns deles. Era necessário entender suficientemente o conteúdo para explicá-lo de forma articulada e concisa, e isso foi um novo desafio.

A intenção em ajudar as pessoas a se organizarem e entenderem mais sobre o cenário econômico que se desenhava encontrou morada no jornalismo econômico de serviços que a televisão promovia, ao mesmo tempo em que funcionava como resistência ao regime militar.

Ou seja, o jornalismo econômico naquela época também foi um instrumento de oposição, pois tentava o acesso a mais informações do governo para conceituar de forma mais clara a informação que fornecia. O empenho para exercer sua função social era, assim, uma forma de resistência.

Paralelamente a essa preocupação, a figura do jornalista nessa área cresceu e se destacou em relação às demais editorias. Além disso, o zelo com o didatismo nas notícias era o diferencial para que as pessoas se interessassem pelo assunto.

Mas o desafio era grande. Como Caldas defende, o público C e D tinha muita dificuldade para se familiarizar com a informação e suas considerações. Contudo, as notícias mais explicativas ainda eram uma saída.

JORNALISMO DE SERVIÇOS X JORNALISMO FINANCEIRO

Quando nos referimos ao jornalismo de serviços estamos falando de uma cidadania econômica integrada ao conceito, uma vez que, há uma didática em sua apresentação e preocupação com os problemas econômicos e financeiros da sociedade (KUCINSKI, 1996). Por exemplo, a prestação da casa própria, aplicações em poupança, impostos e taxas escolares são pautas do jornalismo de serviços e a inflação está intimamente ligada a essas questões.

O jornalismo financeiro, contudo, dedica-se a cobrir o mercado financeiro e suas operações. “É na cobertura do mercado financeiro que se encontram as maiores dificuldades” (KUCINSKY, 1996, p. 24). Trata-se de uma subespecialização como Kucinsky vai definir e exige do jornalista compreender com clareza os mecanismos cruciais do mercado e os cálculos que sua estrutura propõe. O jornalismo de negócios e a cobertura macroeconômica passam a ser o foco e, assim, grandes grupos e grandes empresas adquirem protagonismo nas editorias de economia.

APÓS A DÉCADA DE 1980

O impasse é que na década de 1980, enquanto os assuntos econômicos ganharam mais fôlego, aquele didatismo do jornalismo de serviços se enfraqueceu, sobretudo pelo contexto de planos de ajuste da moeda brasileira. Por exemplo, o plano Cruzado em 1986, o Bresser em 1987, o Plano Verão em 1989, o Plano Collor em 1990, até o plano que vigora

atualmente, o Real, em 1994 foram pautas para os jornais e telejornais e apresentados de uma forma que começava a interessar – e a ser compreendido – por poucos grupos sociais.

A preocupação com a chamada “década perdida” era: o que fazer com o nosso cenário político e econômico pós-período de autoritarismo? E, para isso, as editorias recorreram às escolas de economia para darem suporte ao assunto. O número de articulistas com formação em economia aumentou e muitos deles passaram a integrar até programas de TV, como consultores e comentaristas das notícias.

Assim, o viés opinativo no jornalismo econômico se fez presente, na TV principalmente e, a partir desse período, uma abordagem maior sobre o contexto político-econômico do país foi vista, buscando explicar efeitos de crises e oferecendo previsões do status econômico brasileiro.

O conteúdo acaba sendo menos voltado ao consumidor e isso marginaliza a compreensão de telespectadores sobre os problemas como um todo. Sueli Caldas nos exemplifica querendo defender que:

Os sucessivos acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI), as polêmicas sobre as taxas de juros, o crescimento ou a queda da produção industrial e agrícola, o salto da balança comercial, o aumento do desemprego, todos esses são assuntos que passaram a ser abordados com naturalidade, nos principais telejornais do país. (CALDAS, 2003, p.24).

Dessa forma, alguns assuntos complexos, além de serem normalizados no noticiário, acabam sendo apresentados por profissionais sem a formação em jornalismo, muitas vezes. Ocorre um distanciamento do profissional da informação em relação à densidade e a complexidade da notícia econômica.

E, entramos na década de 1990 exatamente sob essa ótica do jornalismo econômico televisivo. Sérgio Villas Boas em “Formação e Informação Econômica- Jornalismo para iniciados e leigos” reforça que nos três primeiros anos dessa década, o Brasil teve que enfrentar assuntos muito complexos como a ALCA, a Rodada Doha da OMC e o acordo UE-Mercosul (VILAS BOAS, 2006, p. 101). Ele ressalta como foi o desempenho dos profissionais:

Essas frentes negociadoras exigiram organizações da sociedade civil. De um lado, o Itamaraty criou a Senalca (Secretaria Nacional da Alca) e a Seneuropa (Secretaria Nacional do Acordo EU-Mercosul) para a consulta à sociedade civil – empresários, sindicalistas, ONGs – sobre os processos da Alca e do acordo entre o Mercosul e o bloco Europeu. De outro lado, a mídia – jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão – teve de se envolver na cobertura de temas complexos com poucos

jornalistas especializados e treinados para a difícil tarefa. (BOAS, Vilas, 2006, p. 101).

Nesse sentido, o jornalismo que começava a se caracterizar na TV – voltado para a economia – precisava ainda mais do que Bernardo Kucinski alerta em seu manual “Jornalismo Econômico”. Uma reflexão que se aplica ao universo televisivo. O especialista elucida que “a falta de conhecimento do jornalista impede tanto a exposição coerente de suas ideias, como a filtragem crítica das premissas falsas” (KUCINSKI, 1996).

Ao buscar informação, o jornalista vai se defrontar no Brasil com os problemas de carência informativa e da falta de estatísticas básicas confiáveis. Nossas estatísticas são poucas, imprecisas e fortemente determinadas por um conteúdo de classe. (KUCINSKI, 1996, p.22).

O que o autor vai nos apontar é a construção de um jornalismo econômico ao longo do tempo que, ora se apresenta como compreensivo quando diz respeito a assuntos do cotidiano das pessoas, quando menciona os preços dos alimentos no supermercado, por exemplo, – ora, torna-se um enigma, por colocar em evidência assuntos complexos como a relação entre taxas de juros e de câmbio, por exemplo. “Com tudo isso, uma grave disfunção afeta o jornalismo dedicado à economia” (KUCINSKY, 1996, p. 14). Resta saber como chegava e chega ao público as notícias de economia desses telejornais no ontem e no hoje.

ANÁLISE DO TELEJORNAL “JORNAL HOJE”

O “Jornal Hoje” é um telejornal brasileiro que existe desde o ano de 1971. Ele vai ao ar de segunda a sábado pela Rede Globo de Televisão e é apresentado por Evaristo Costa e Sandra Annenberg para o Brasil inteiro atualmente.

O objetivo da análise das edições de 15 de outubro de 1985 e de 15 de outubro de 2015 – que se faz aqui – é investigar como as notícias de cunho econômico são postas no telejornalismo diário, antes e pós-transformações que ocorreram no modo de divulgação dessas notícias na TV ao longo da história do Brasil nos últimos tempos.

O “Jornal Hoje” atravessou épocas e está presente na vida de muitos brasileiros de diferentes classes sociais, por isso, tem uma influência densa e pautas em praticamente todas as áreas. O horário que é transmitido, às 13h20, já é um elemento em comum há tantos segmentos sociais que passam naquele momento pelo horário do almoço.

EDIÇÃO DE 15 DE OUTUBRO DE 1985⁴

Apresentada pelas jornalistas Leda Nagle e Liliana Rodriguez, essa edição possui aproximadamente 25 minutos e diz respeito ao período em que José Sarney governava o país. As notícias sobre economia na edição são limitadas e a primeira delas diz respeito ao Prêmio Nobel de Economia, uma nota que indica quem foi o ganhador do prêmio nos Estados Unidos. A informação transmitida ressalta o ganhador como responsável por estudos na área de poupança e mercado financeiro e ela não dura nem 30 segundos.

Em seguida, a jornalista Leda chama o telespectador para prestar atenção nos números do mercado e exibe uma sequência de valores, em cruzado (moeda vigente na época). Ela, na verdade, apenas lista os índices e, em nenhum momento explica o que significa. Os índices, por sua vez, são as taxas do câmbio oficial e paralelo, além das taxas de mercado aberto e das taxas do dia. A notícia é finalizada com os índices da bolsa de valores, apoiando-se apenas na exposição dos números em tela.

O jornal, dessa forma, reduz o conteúdo econômico apresentado e não observamos o consumidor da informação como protagonista da notícia. Esse tipo de compreensão fica restrito a um determinado público que, provavelmente, tem mais familiaridade com o assunto.

EDIÇÃO DE 15 DE OUTUBRO DE 2015⁵

A duração dessa edição é de aproximadamente 35 minutos e Evaristo Costa comanda a apresentação do telejornal sozinho dessa vez. Uma notícia de economia abre a edição e diz respeito à agência de classificação de riscos “Fitch” que rebaixa o Brasil nos índices e cita a piora na economia como causa.

O âncora chama o correspondente internacional em Nova York, Helter Duarte, que se compromete a “explicar direitinho” as ações da Fitch. Contudo, durante suas explanações Helter cita inúmeros os motivos para a avaliação da agência da seguinte maneira:

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m8rh_9d5xrw>. Acesso em: 14 fev 2016

⁵ Disponível em: <<http://glo.bo/1QCM4Dh>>. Acesso em: 14 de fev 2016

- 1) Ele afirma que a Fitch baixou a nome de “BBB” para “BBB-” e conta que estamos um degrau do nível especulativo.
- 2) Fala que o resultado está relacionado ao ajuste fiscal e ao aumento do endividamento do governo.
- 3) Ele ainda lembra das negociações na Petrobrás e do pedido de impeachment contra a presidenta Dilma.
- 4) Evaristo chama a repórter em Brasília para saber como reagiu o Governo Federal à notícia.
- 5) São dedicados 4 minutos para a notícia e é nítida uma preocupação com o posicionamento da economia brasileira no cenário mundial.
- 6) A linguagem é limitada a um público que tem mais contato e conhecimento com as avaliações internacionais sob a economia do Brasil.

Existem mais duas outras notícias sobre economia. Uma traz para o telespectador uma nova postura dos supermercados diante da crise e como isso afeta o consumidor. O repórter Roberto Paiva se apresenta dentro de um supermercado e explica que muitos deles estão deixando de comprar alguns produtos por causa da crise. E isso tem sido percebido pelo consumidor que chega ao estabelecimento não encontra mais o produto da marca que gostaria. Nessa matéria, o jornalista:

- 1) Inclui os consumidores como protagonistas da situação.
- 2) Conversa com o consumidor para saber qual produto não foi encontrado por ele na prateleira.
- 3) Conversa com o especialista que explica o aumento de preços na indústria e a recusa dos supermercados em adquiri-los com medo que os itens fiquem estocados. A linguagem é mais clara e o vocabulário em economia tão rebuscado é pouco utilizado.

A última notícia, na verdade, é uma nota comentada por Evaristo que fala da queda do setor de serviços apresentando inclusive índices do IBGE. Uma maneira muito semelhante à edição de 1985 ao comentar os números. O tempo dedicado a essa nota foi de 45 segundos e ele inicia apenas uma sequência de números para comparar as taxas.

PARALELO ENTRE EDIÇÕES – UMA ANÁLISE CRÍTICA

O que há de semelhante na situação político-econômico do Brasil entre 1985 e 2015? Instabilidade econômica pode ser uma das respostas. Mas o comportamento dos

telejornais diante desse cenário, nitidamente, não é o mesmo, porque enquanto o jornal de 1985 apresenta notícias direcionadas mais para os índices como os da bolsa de valores ou das taxas de juros, o telejornal de 2015 diversifica inclusive com pautas sobre economia internacional, além da nacional. Assim, avalia-se que as notícias sobre economia ganharam mais espaço em um período de 30 anos. Contudo, continuamos esbarrando na velha questão do didatismo nesse segmento do jornalismo.

Se o didatismo é praticamente inexistente na edição de 1985 – aspecto que observamos por meio das notícias do dólar e das taxas de câmbio que convocam os interessados ao “mundo dos negócios” como Leda menciona, esperava-se que ao longo do tempo seus métodos precursores e resistentes do período de ditadura o acompanhasse no crescimento do campo econômico na TV. E, voltassem a se preocupar com mais segmentos sociais, a medida, inclusive, que a TV foi se inserindo na residência do brasileiro. Hoje, a Pesquisa Brasileira de Mídia com os números exibidos neste estudo só comprova a hegemonia da televisão.

Mas isso aconteceu muito pouco e, ao contrário de uma inserção mais profunda de profissionais nesse campo, profissionais de outras áreas apoderaram-se de programas especializados, com espaços para comentários e, às vezes, até noticiando esses fatos. Parece que cada vez mais resta pouco para o jornalista.

O que preocupa na edição de 2015 do “Jornal Hoje” é que com toda disposição de novos recursos (a interação de telas, a tecnologia *touch*, animações e infográficos possíveis) é pouco frequente uma notícia político-econômica com definições que se auto esclareçam para o telespectador ou que possam ser pontuadas pelo jornalista no momento da notícia. Isso é visível quando Evaristo conversa com o repórter Helter e menciona o termo “grau de investimento”, mas não desenvolve uma explicação concisa sobre isso.

Em seguida, quando Helter Duarte apresenta uma série de expressões típicas da avaliação da agência “Fitch”, muitos termos são incompreensíveis para quem acabou de ligar a televisão e não está acompanhando o cenário econômico com assiduidade. Na notícia, entende-se que, a princípio, o Brasil está em uma posição desfavorável, mas a contextualização desse problema é realizada de uma forma muito técnica como observamos nas falas: “A Fitch rebaixou a nota do Brasil BBB para BBB-, com essa nota o país manteve sim o grau de investimento, mas agora está apenas um degrau do nível especulativo (...)”. É como avisar sobre um problema, mas não notificar as causas dele para explicar como isso afeta a quem assiste.

O que tem acontecido e que podemos apontar como um diferencial em relação à edição de 1985 é a existência de uma tentativa de compensar o grau de dificuldade de uma notícia com o grau da outra. Enquanto essa notícia de Duarte é direcionada para aquele telespectador que acompanha detalhadamente o cenário econômico e os conceitos que implicam suas informações, há a matéria sobre “Supermercados” para contemplar aquele telespectador mais interessado com a organização e planejamento de seus gastos familiares. Ocorre aqui aquela setorização a que Villas Boas se refere.

A edição de 2015, assim, ressalta uma postura de compreensão em detrimento da tentativa de democratizar o assunto para todos. É como se cada notícia tivesse seu perfil de telespectador e por isso se setorizam dentro do próprio telejornal. Vale comentar ainda que na matéria sobre “Fitch” foram dedicados 4 minutos, enquanto para a matéria sobre “Supermercados” tivemos apenas 2 minutos e 40 segundos. Nesse caminho, notamos que o desafio de traduzir processos econômicos complexos em linguagem acessível não foi vencido (KUCINSKY, 1996).

Além disso, não nos desvinculamos do modelo de 1985 totalmente. Por exemplo, quando Leda fala sobre o dólar, o formato de exibição de índices é semelhante ao que Evaristo noticia, ao chamar apenas números para ilustrar a queda de alguns setores na indústria. Isso acontece da mesma maneira: sem entrada do repórter e sem chamar um VT, como em 1985.

Outro aspecto extraído dessa análise é a quantidade de notícias. No ano de 1985, a edição de 15 de outubro conta apenas com duas matérias de cunho econômico. Em 2015, esse número aumenta para uma média de 4 notícias, bem como sua abordagem no que diz respeito a dados e fontes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta breve análise, identifica-se que a televisão é um meio apropriado para traduzir a realidade da sociedade, pois esse meio de comunicação apresenta um formato interativo que fomenta a conexão entre imediatismo e espaço dinamizado. E, a adesão de muitos brasileiros a ela, como confirma a Pesquisa Brasileira de Mídia – promovida pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República – revela que a televisão é o meio mais utilizado entre os brasileiros. Nesse espaço é possível que o jornalismo

econômico tenha oportunidade de se desprender de amarras mais técnicas em seus conceitos e assim, informar vários segmentos sociais ao mesmo tempo.

Analisar duas edições do “Jornal Hoje” em épocas distintas colaborou para a visualização mais clara de como a adaptação é recente e como ainda é difícil testar a objetividade quando o assunto é amplo, como observamos por meio da matéria “Fitch” exibida pelo repórter Helter Duarte.

Diferente dos meios impresso, em que mais espaço para profundidade e como afirma Sueli Caldas, na televisão assuntos na área de economia passaram a ser tratados com naturalidade. Mesmo que compreendê-los exija bem mais do que se oferece na tela. Ainda, como elucida Claudio Bojunga, nem sempre o tempo restrito que o formato televisivo propõe às notícias, deixa o jornalista descortinar para o público, em toda sua dimensão, um assunto muito complexo que diz respeito às dinâmicas do mercado financeiro.

Bernardo Kucinsky orienta que temos uma disfunção acentuada na formação econômica dos profissionais do jornalismo e que economia não se trata de fatos singulares como o jornalismo diário reporta. Por isso, o artigo recuperou a problemática de tempos atrás, para identificar, no telejornal atual, o que ainda se mantém e precisa ser melhorado. Além de destacar o que mudou no mesmo veículo.

O “Jornal Hoje” é referência no horário de almoço na televisão por ter mais de 40 anos e atinge brasileiros no país todo. Compensar uma notícia de jornalismo de serviços por notícias de jornalismo financeiro cabe dentro do telejornalismo, mas vale analisar de que maneira essas duas notícias podem atender a públicos diferentes sem precisar diferenciá-los.

Por fim, é possível identificar a necessidade de uma reconstrução no modo como o conteúdo econômico tem chegado aos telespectadores. Ainda com a fragmentação que a televisão propõe, é possível reinventar uma maneira de noticiar que coloque em evidência uma informação clara concisa e democrática. E, aliada a ela, uma maneira que afirme as informações sobre economia e aprove o jornalista como porta-voz dessas mesmas informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAS, Sergio Vilas. **Formação e Informação Econômica: Jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus Editorial, 2004.

CALDAS, Suely. **Jornalismo Econômico**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

HOJE, Jornal. **Edição de 15 de outubro de 1985**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m8rh_9d5xrw>. Acesso em: 14 fev 2016

HOJE, Jornal. **Edição de 15 de outubro de 2015**. Disponível em: <<http://glo.bo/1QCM4Dh>>. Acesso em: 14 de fev 2016

KUCINSKY, Bernardo. **Jornalismo Econômico**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

NOVAES, Aduino. **Rede imaginária: Televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REPÚBLICA, Secretaria de Comunicação Social da Presidência da. **Pesquisa Brasileira de Mídia**. 2014. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>. Acesso em: 14 fev 2016